



# COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL

## AULA 1



Profª Margarete Terezinha de Andrade Costa



## CONVERSA INICIAL

Nesta aula, apresentaremos algumas noções básicas para a boa e efetiva comunicação, com base nos conceitos de oralidade e escrita, comunicação e informação, variação e adequação, níveis, figuras e vícios de linguagem.

A língua portuguesa é o instrumento utilizado em nosso dia a dia para comunicação, portanto, nesta aula, desenvolveremos a distinção dos registros formal e informal da língua, a reflexão sobre seu modo de organização, a relação entre seus elementos e os usos cotidianos e a identificação de diversas formas de comunicação dependentes da norma culta. Assim, você terá uma melhor aproximação com a língua portuguesa e perceberá que ela não é tão complicada como se pensa, fazendo um uso cada vez melhor dela, seja na área educacional, laboral ou na sua vida cotidiana.

Esperamos que goste da aula e que tenha um excelente estudo!

## TEMA 1 – CONCEITO DE COMUNICAÇÃO

O termo *comunicação* é derivado do latim *communicare*, que significa “fazer”, “tornar comum”, “dividir alguma coisa com alguém”, “partilhar” ou “participar algo”. Por meio da comunicação, os seres vivos partilham informações entre si, tornando o ato de comunicar uma atividade essencial para sua sobrevivência. Ela é vital para a integração, troca mútua e desenvolvimento dos seres humanos e outros animais.

Por meio do ato comunicativo, podemos expressar nossas ideias, sentimentos, dúvidas, obter respostas, enfim, relacionarmos com o mundo em que vivemos. Desta forma, a comunicação é a ação de transmitir uma informação na interação com outra pessoa. Para isso, usamos a linguagem.

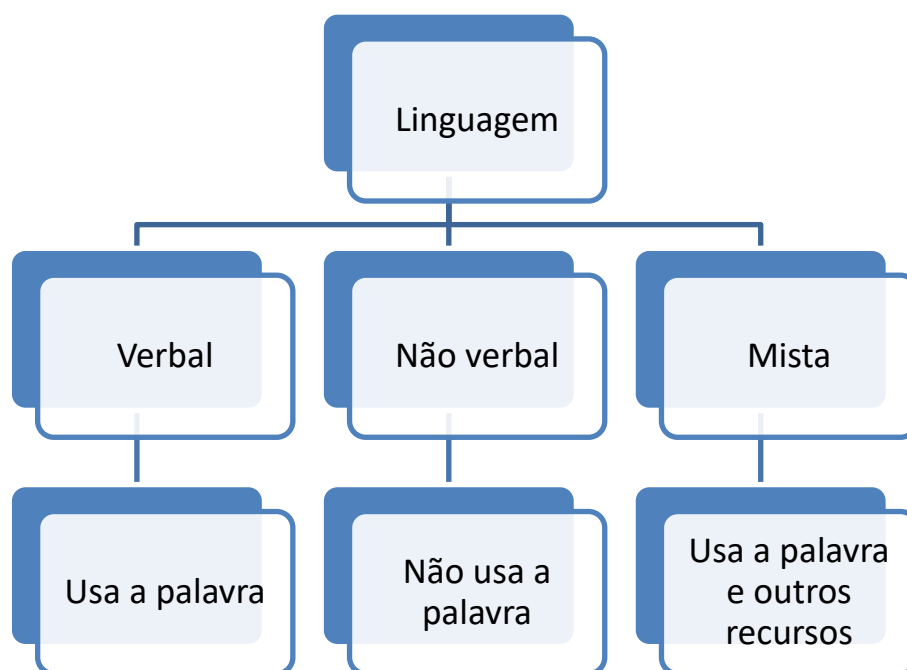
### 1.1 Linguagem

A linguagem é o processo de comunicação pelo qual as pessoas interagem entre si. Ela se dá por qualquer meio sistêmico que realiza a comunicação e acontece por meio de vários recursos, tal como a fala, os sinais gráficos, os gestos, os olhares, as posturas, as expressões faciais e os nulos (ato de movimentar a cabeça para frente e para trás em aprovação).



Ela pode acontecer das seguintes formas:

Figura 1 – Estrutura da linguagem



Fonte: Costa, 2021.

A **linguagem verbal** é aquela construída pelas palavras escritas ou faladas. A comunicação oral faz uso da fala, que é uma característica de grande complexidade, visto que cada ser humano elabora seu discurso de acordo com suas características contextuais. A comunicação escrita utiliza símbolos gráficos de representação e de letras, que devem ser de conhecimento dos interlocutores. Ela é utilizada rotineiramente entre as pessoas, em leituras de mensagens, artigos, discursos, aulas, palestras e qualquer outra forma da conversação.

A **linguagem não verbal** é aquela que utiliza outros recursos de comunicação diferentes da palavra, como a imagem, o som, as cores, os gestos e as posturas, que representam atitudes interpessoais.

A linguagem não verbal também é conhecida como uma ação orgânica ou organicidade, ou seja, a qualidade do que é próprio aos seres e organismos vivos.



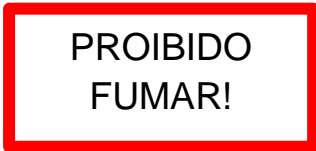


Figura 2 – Linguagem não verbal



Créditos: AmazeinDesign/Shutterstock.

A **linguagem mista** ou híbrida, como o próprio nome diz, utiliza-se da linguagem verbal e não verbal ao mesmo tempo. Veja os exemplos a seguir.

Quadro 1 – Exemplos de linguagem mista

Linguagem verbal	Linguagem não verbal	Linguagem mista
	 Créditos: nikolae/Shutterstock.	

Podemos perceber que comunicar é interagir com os outros por meio de todas as linguagens possíveis; o importante é saber falar bem, ler com interesse, ouvir com cautela, escrever de forma coesa e, principalmente, prestar atenção. Somente assim aprendemos e compreendemos o mundo ao nosso redor.

## 1.2 Língua e fala

A **língua** é um instrumento de comunicação pertencente a determinado grupo social. Temos, por exemplo, a língua portuguesa, a língua inglesa, a língua japonesa, entre tantas outras. Ela pode ser escrita (gráfica) ou falada (sonora) e tem sua formação no grupo de uma determinada região geográfica, posição social e profissional.



A **fala** é a maneira pela qual cada indivíduo, de determinada sociedade, emprega o discurso, que se dá de forma pessoal. Ela varia de acordo com a situação em que o falante se encontra, podendo ter variantes que serão estudadas mais a frente nesta aula.

Observe que, sendo a fala pessoal, ela nos representa. Somos reconhecidos pela forma que falamos, e nossas ideias são conhecidas por meio dela. Assim, o cuidado com seu uso é básico e, para aprimorar nossa imagem vocal, precisamos treinar muito, exercitar em diferentes ocasiões, pois assim teremos desenvolvimento com essa ferramenta tão útil.

### **Saiba mais**

Um ponto positivo do bom comunicador é o *networking*. O *network* é uma rede de conexões que estimula relacionamento entre profissionais, aumentando as chances de alcançar seus objetivos. Em outras palavras, é sua propaganda pessoal, que acontece principalmente pela comunicação, pois é a forma de relacionamento mais razoável que o ser humano tem.

Figura 3 – Lembre-se!



Lembre-se que você é sua maior propaganda.  
E a forma como você se comunica é o meio de divulgação de seu potencial.  
Assim, procure aperfeiçoar cada vez mais a sua comunicação,  
principalmente no ambiente de trabalho.

Créditos: lassedesignen/Shutterstock.



## TEMA 2 – ORALIDADE E ESCRITA

Na língua falada, há, entre falantes e ouvintes, trocas sucessivas e simultâneas de informações, o que não ocorre na língua escrita, na qual a comunicação acontece, geralmente, na ausência de um dos participantes.

Além disso, na fala, as marcas de planejamento do texto costumam não aparecer, porque sua produção e execução se dão ao mesmo tempo. Justamente por isso, a linguagem oral é marcada por pausas, interrupções, retomadas, correções etc., o que não observamos na escrita, porque o texto se apresenta acabado, e há um tempo para a sua elaboração e reelaboração.

### 2.1 Escrita

Falar e escrever são duas atividades diferentes de comunicação. De acordo com Koch e Elias (2009, p. 16), as diferenças mais significativas entre os dois são as mostradas no Quadro 2.

Quadro 2 – Diferenças entre fala e escrita

Fala	Escrita
<b>Contextualizada</b>	Descontextualizada
<b>Implícita</b>	Explícita
<b>Não planejada</b>	Planejada
<b>Pouco elaborada</b>	Elaborada
<b>Frases curtas, simples ou coordenadas</b>	Frases mais complexas, subordinadas

Fonte: Elaborado com base em Koch; Elias, 2009.

Como podemos analisar no quadro, não há tanto planejamento na fala quanto há na escrita. Na fala, as informações são mais implícitas, de acordo com o contexto em que estamos. Já na escrita, devemos elaborar o texto de forma que o leitor tenha garantido o entendimento daquilo que expressamos, assim, o uso da norma culta é altamente recomendado, principalmente pelo seu prestígio social.

A norma culta, também conhecida como *variante padrão*, é formada por estruturas concebidas como corretas, cujo uso demonstra que o escritor possui alto nível de conhecimento. Na realidade, a escrita nos representa e mostra o



quanto dominamos ou não o uso da língua. Ela é, desta forma, importante em nossas complexas relações sociais e práticas culturais.

Obviamente, a escrita vai depender do contexto de seu uso. Nas mensagens rápidas em redes sociais, utilizamos símbolos e abreviaturas, que facilitam a nossa vida e realizam perfeitamente o ato comunicativo. Todavia, quando se escreve um documento público, como um requerimento, um memorando ou um artigo científico, ele deve estar rigorosamente dentro da norma culta da língua, visto que circula em contextos que exigem padrão.

## 2.2 Oralidade

A **linguagem escrita** é de contato indireto e deve ser mais objetiva, exata e concisa; necessita de atenção às normas gramaticais, sendo mais conservadora e formal. O uso de recursos gráficos e linguísticos, tais como pontuação, acentuação, concordância, entre tantos outros, deve ser assertivo, de modo a deixar a informação precisa. A escrita é uma representação da fala, que possui regras próprias de realização, não podendo seguir as variações da oralidade.

Também na linguagem escrita existe maior distância e menor interferência do interlocutor, pois nem sempre quem lê o texto está perto do emissor para esclarecer possíveis dúvidas, eliminar ambiguidades, produzir questões e elucidar equívocos.

Devemos lembrar que não escrevemos como falamos, não fazemos uma mera transcrição ou reprodução da fala. Desse modo, precisamos escrever com uma finalidade, imaginado seu futuro leitor e, sobretudo, colocando-se em seu lugar, de modo a esclarecer o que se quer comunicar. O texto é também uma representação de seu escritor.

Outro ponto importante é que a leitura do texto pode ser realizada em diversos tempos. A escrita é registro e esse permanece, podendo ter leitores de diferentes características. Desta forma, a sequência textual precisa ser elaborada, fazendo um esquema do que se pretende escrever, e o texto deve ser revisto antes de sua finalização.

Contudo, não podemos relacionar o registro formal com a escrita e o informal com a fala, visto que pode haver textos informais e discurso completamente formais. O importante é perceber situações formais e informais e adequar o uso da comunicação a cada diferente contexto.



Na **oralidade**, há espontaneidade e variação. Ela tem base na norma sem dúvidas, mas os deslizos podem ser retomados pela repetição, explicação, pois, na maioria das vezes, temos o interlocutor presente. Na fala, há possibilidade de sermos interrompidos para explicarmos melhor ou esclarecer algo dito. Também há pausas, retomadas, repetições, inserções e é permissível o uso de expressões banais sem grandes problemas.

Além disso, usamos recursos não verbais, como a linguagem corporal, facial e entonações diferenciadas, incorporadas ao que o falante quer dizer. A oralidade permite grande variedade de realizações e a não sequência de temas desde que haja compreensão do ouvinte, o que percebemos imediatamente observando sua reação.

Devemos lembrar que nossa fala também nos representa, assim, o seu uso deve ser cuidadoso em situações que exijam mais formalidade.

### Saiba mais

Aprenda a melhor forma de se comunicar, preste atenção e, principalmente, seja amigo da língua portuguesa. Pode parecer que há muitas regras e muito mais exceções, mas, se você se dedicar e tiver vontade, vai dominar a língua de forma progressiva. Assim, aprenda todo o dia uma nova regra e, quando se der conta, saberá cada vez mais. Para ajudá-lo, vamos dar dicas do uso da língua ao longo deste material.

Figura 4 – Dica: *onde* e *aonde*



#### Uso de *onde* e *aonde*

**Onde** se refere a um lugar. **Aonde** sugere movimento (= para onde)

**Onde** coloquei a bolsa?

**Aonde** eu vou? = Para onde eu vou?

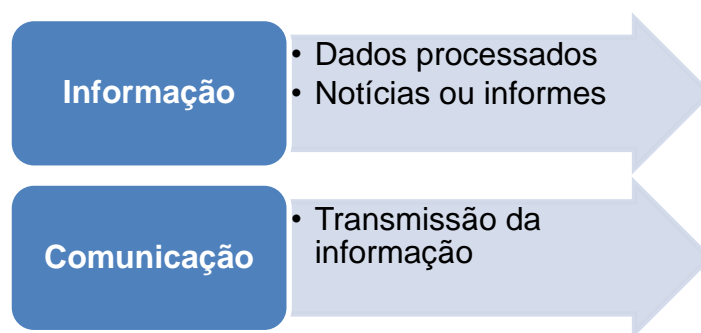
Créditos: HomeArt/Shutterstock.



## TEMA 3 – COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO

Só há comunicação quando há troca de informações, mas não devemos confundir uma com a outra, e isso é muito importante, principalmente na vida laboral, em que há necessidade de uma interlocução clara e eficiente.

Figura 5 – Diferenças entre informação e comunicação



Fonte: Costa, 2021.

### 3.1 Informação

O termo *informação* tem origem na palavra latina *informare*, que significa “modelar”, “dar forma”, isto é, a informação é uma referência, uma noção, um aviso, uma nota, dados processados sobre alguma coisa ou alguém. Os dados são fatos, números, letras, símbolos, sons.

Assim sendo, ela é um conjunto ou reunião de dados que são usados como referência sobre determinada pessoa, acontecimento, fato ou fenômeno. Daí sua importância, pois tais dados têm a função de aumentar uma certeza ou aprofundar os conhecimentos sobre um assunto. Ela é pontual, sem compromisso com um todo significativo. E, assim, a informação, ao aumentar o conhecimento, dá significado à boa comunicação, ajudando a tomar determinada decisão ou resolver uma situação conflituosa.

A informação só é valiosa quando faz sentido para o ser humano que a recebe em forma de dados, processa-a e a transforma em conhecimento. O conhecimento acontece quando se transforma informações em dados úteis por meio da aprendizagem e experiência, isto é, o conhecimento só advém quando a informação é aplicada.



## 3.2 Comunicação

A comunicação, no que lhe concerne, considera a difusão das informações para seres reais considerando suas reações. Ela é recheada de percepção, cria expectativas e sugere declarações de um interlocutor. Desta forma, a comunicação modifica comportamentos e atitudes e representa informações, transformando-as em um saber.

A comunicação é uma ferramenta social que possibilita a interação entre os seres humanos e possui “classicamente” seis elementos: emissor, código, mensagem, canal, receptor e referente.

Figura 6 – Elementos da comunicação



Créditos: pathdoc/Shutterstock.

Quadro 3 – Elementos da comunicação

<b>Emissor, locutor ou falante</b>	Quem produz e emite a mensagem, iniciando o ato comunicativo.
<b>Receptor, interlocutor ou ouvinte</b>	Quem recebe a mensagem emitida pelo emissor. A mensagem é, assim, destinada ao receptor. Pode ser uma pessoa ou um grupo de pessoas.
<b>Mensagem</b>	Conjunto de informações transmitidas pelo emissor. Pode ser verbal ou não verbal, escrita ou falada.
<b>Referente ou contexto</b>	É a situação comunicativa em que se encontram os interlocutores: ambiente, espaço, tempo.
<b>Canal ou veículo</b>	O meio pelo qual a mensagem é transmitida: e-mail, celular, rádio, televisão, jornal etc.
<b>Código</b>	É o conjunto de signos e sinais utilizados na transmissão da mensagem: língua portuguesa, língua inglesa, língua gestual, cores, sons etc.



Veja que a mensagem pode ser codificada por diferentes códigos ou sistemas de sinais, por exemplo gestos, sons, códigos, indicações ou língua natural (língua portuguesa, inglesa, chinesa etc.).

Como já vimos, somente com informação não há comunicação. É preciso alguém ou algo que transmita a informação para alguém, ou algo que receba, bem como é necessário que a informação esteja em um código que seja entendido e usado pelos envolvidos. Tudo isso acontece em um determinado espaço e tempo.

Estes são os elementos básicos da comunicação, e vale ressaltar que não há uma ordem estabelecida. A ordem colocada aqui é apenas para fins didáticos, para melhor compreensão do assunto.

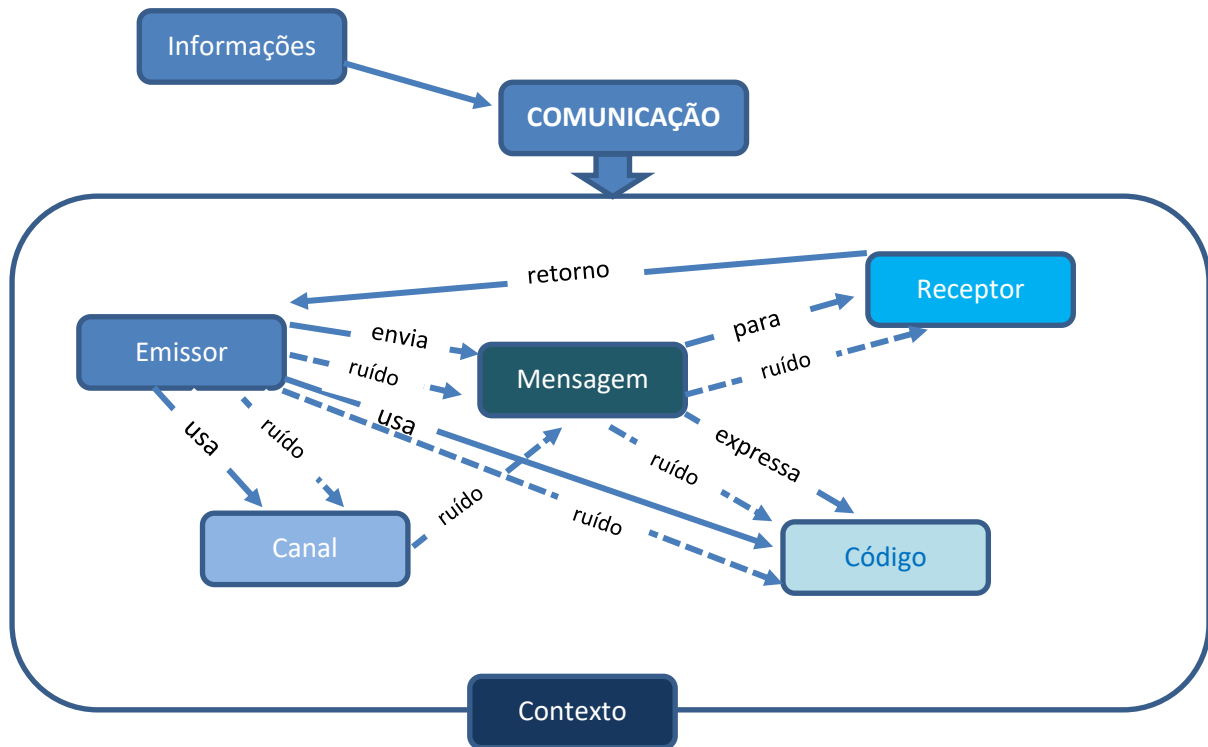
Além disso, há outros elementos que estão presente no processo real, como o retorno (feedback), que determina se a compreensão foi alcançada ou não. Há também os chamados *ruídos*, que não têm relação direta com barulho. Ruído é todo o episódio que atrapalhe a comunicação, as perturbações indesejáveis que tendem a deturpar, distorcer ou alterar, de maneira imprevisível, a mensagem transmitida. Vejamos alguns deles:

- **Semântica** – ruídos dessa ordem referem-se a problemas linguísticos, por exemplo, quando o médico usa termos técnicos e deixa seu cliente sem entender do que se trata;
- **Fatores físicos** – barulhos como uma música muito alta, ar-condicionado, barulho de máquinas, entre outros;
- **Credibilidade** – confiabilidade da informação: será que o que é dito é verdadeiro?
- **Excesso de informação** – grande volume ou quantidade de informação;
- **Fatores fisiológicos** – bloqueio na comunicação, devido uma dor de cabeça, estresse, baixa audição, problemas na fala etc.;
- **Dificuldades linguísticas** – incompatibilidade no estudo da linguagem, despreparo na organização de ideia, falta de conhecimento sobre o processo de comunicação ou sobre o assunto;
- **Julgamento de valor** – opinião preconcebida antes de receber a mensagem completa;
- **Percepção seletiva** – seleção dos conteúdos que são relevantes para o receptor sem analisar a mensagem como um todo;



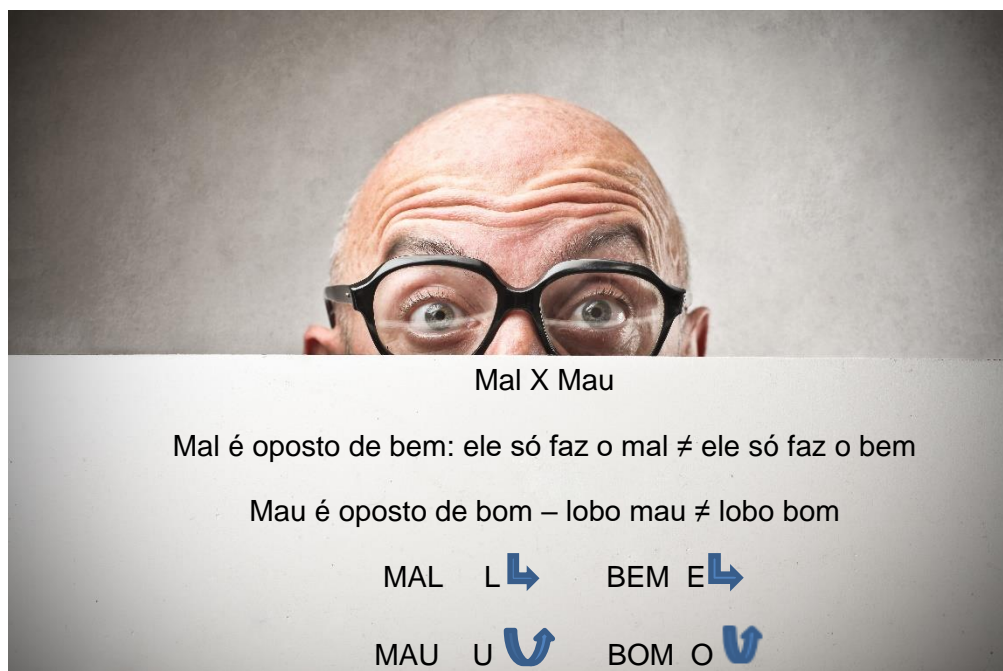
Veja o mapa mental sobre os elementos de comunicação:

Figura 7 – Os movimentos entre os elementos de comunicação



Conseguiu perceber a complexidade da comunicação?

Figura 8 – Dica: *mau e mal*



Créditos: Ollyy/Shutterstock.

## TEMA 4 – VARIAÇÃO E ADEQUAÇÃO DA LINGUAGEM



Vamos iniciar este tema lendo um lindo poema do nosso querido poeta  
Manuel Bandeira:

**Evocação do Recife**

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros  
Vinha da boca do povo na língua errada do povo  
Língua certa do povo  
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil  
Ao passo que nós  
O que fazemos  
É macaquear  
A sintaxe lusíada...  
(Bandeira, 2007)

Figura 9 – Brasil



Créditos: Galobato/Shutterstock.

O poeta fala que aprendeu a língua portuguesa pela “boca do povo”, isto é, aprendeu falando com seus próximos. Ele aprendeu a língua “errada” e “certa” do povo, pois, mesmo não usando a norma culta, as pessoas se entendem.

Como foi com você? Como você aprendeu a falar? É provável que vá responder que foi com seus pais ou cuidadores, e isso acontece com a maioria das pessoas. Estas variações linguísticas e adequações da linguagem dependem das circunstâncias em que a língua é utilizada. Vamos estudar as diferenças de nossa língua.



## 4.1 Variações linguísticas

Nosso país tem dimensões continentais e uma riquíssima variação cultural, logo é muito claro que possuímos diferentes modos de usarmos a língua portuguesa e, de acordo com o poeta Mário Bandeira, a “macaqueamos”.

Dessa forma, devemos reconhecer os diferentes modos de falar do povo brasileiro, pois a formação cultural brasileira é garantida por ela. Uma das características fundamentais da língua é a sua variabilidade. Ela não é homogênea e uniforme, mas sim heterogênea e multiforme, e suas diferenças são denominadas variações linguísticas. Essas variações se dão de acordo com as escolhas de palavras, as construções dos enunciados, os tons da fala, as diferentes regiões, épocas, experiências, entre outras variantes, como veremos a seguir.

As **variações históricas** ou diacrônicas compreendem o estudo ou a compreensão de um fato ou de um conjunto de fatos em sua evolução no tempo. É fácil perceber que algumas expressões deixam de existir, e outras novas surgem ou se transformam no decorrer da história. Um bom exemplo são as gírias, que mudam constantemente de uma geração para outra, “beleza”?

As **variações geográficas** ou diatópicas são alguns aspectos linguísticos que se difundiram geograficamente, como diferenças do uso de alguns termos (léxico) ou sotaques (fonemas) devido à região, fenômenos muito interessantes. Elas acontecem em lugares que estão em grandes ou pequenas distâncias. O português falado no Brasil, em Angola e em Moçambique apresentam características distintas, assim como as falas do litoral, do interior, do Norte e do Sul do nosso país. Podemos constatar isso com os termos “macaxeira”, “mandioca” ou “aipim”, que se referem ao mesmo tubérculo; piá, guri e moleque para menino; bergamota, tangerina ou mexerica para a mesma fruta. Mais uma vez, as gírias entram neste grupo, e há várias outras que enriquecem nossa cultura e ampliam nossos conhecimentos da língua.

As **variações sociais** ou diastráticas são tipos de variação linguística a que os falantes são submetidos, isto é, estão relacionadas a um determinado grupo, faixa etária, profissão, estrato social, entre outros. Por exemplo, um grupo de profissionais, de uma mesma área, possuem um léxico (conjunto dos vocábulos de uma língua) específico. Neste grupo que as gírias se encaixam melhor, em relação à linguagem informal. Os bons exemplos vocês podem ter



se perguntarem para pessoas mais velhas quais as gírias que eles usavam na juventude.

As **variações estilísticas** ou diafásicas são estilos de expressão ou situações de comunicação que estão relacionadas ao contexto da comunicação, isto é, onde ela se realiza ou é veiculada. Assim, se for uma situação mais formal, a língua também tem a tendência de estar mais próxima da língua padrão; já se a situação for informal, ela é mais despreocupada com as normas. Outro exercício interessante é observar diferentes formas de uma mesma pessoa falar em situações distintas, com uma criança, com um idoso, no trabalho, em casa. Isso ocorre porque há um respeito em relação à situação da interação social, sendo considerado o ambiente e as expectativas dos interlocutores.

## 4.2 Adequação da linguagem

Como vimos, há variações e sutilezas no uso da língua, e devemos dominar seus diferentes usos para saber “como falar” em diferenciadas situações. Desse modo, é preciso adequar a comunicação ao contexto posto.

Um aspecto capital da variação da linguagem é o fato de ela ser também intrínseca a cada falante. Ninguém é unilíngue no sentido de dominar apenas uma variedade da língua. Nós adequamos nossas falas à vida social e cultural e estabelecemos, em cada uma dessas comunidades, um exercício de múltiplas interações.

Um ponto importante é que existe formas de comunicação de maior e menor prestígio social e, com isso, permanece o preconceito linguístico. Assim sendo, há um sistema de valores que determinam formas mais adequadas de comunicação, desprestigiando outras. Devemos saber que toda a forma de comunicação é válida se transmitir corretamente uma mensagem, e também considerar que elas devem se adequar aos diferentes sistemas de valores sociais, econômicos e culturais. Contudo, nem todas as pessoas dominam as flexibilidades da língua e são vistos em desacordo com um determinado “*status*” social, sofrendo preconceitos, sendo marginalizados ou estigmatizados.

Veja o exemplo a seguir, com o seguinte diálogo:

- Mãe, o que significa esta palavra?
- Não sei, não filho! O importante é você tentar. Fico aqui com você até você conseguir.





Figura 10 – Mãe e filho



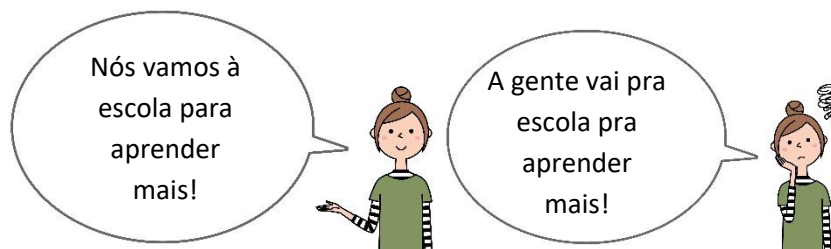
Créditos: Halfpoint/Shutterstock.

Observe que essa mãe não domina alguns termos da língua, mas tem toda a sabedoria para entender que o filho precisa estudar. Ela não tem escolaridade, erudição ou intelectualidade, mas tem uma cultura social estabelecida, e a cumpre da melhor maneira, pelo exemplo e companheirismo.

É importante ressaltar que não se deve julgar alguém pela forma que se fala. Muitas vezes, uma fala cuidada não é entendida, assim deve-se rever o conceito de certo ou errado. A comunicação ideal é quando ela se realiza, isto é, quando o emissor é compreendido pelo receptor.

Analise as duas falas e veja qual, para você, está correta:

Figura 11 – Análise



Créditos: studiolut/Shutterstock.

As duas formas estão corretas, a única diferença é que a primeira segue a norma culta, e a segunda é coloquial.

O que se deve considerar é a situação de uso da língua. Ela necessita estar adequada ao contexto, assim o importante é conhecer a norma culta e saber utilizá-la quando necessário.



Figura 12 – Dica: *menos e menas*



Créditos: Ollyy/Shutterstock.

## TEMA 5 – NÍVEIS DE LINGUAGEM, FIGURAS E VÍCIOS DE LINGUAGEM

Análise os quadros a seguir veja o que as mensagens transmitem para você.

Figura 13 – Níveis de linguagem



Créditos: studiostoks/Shutterstock.



Nestes quadros, as pessoas estão interagindo por meio das palavras que cada um elegeu, em níveis diferentes de linguagem, mas alguns foram adequados, outros não.

Os níveis de linguagem são os diferentes registros das linguagens utilizadas pelos falantes, de acordo com os fatores de influência. Como já dissemos, os níveis de linguagem devem ser adequados às situações comunicativas: linguagem formal em situação formal, linguagem informal em situação informal.

Para entendermos mais as adequações da linguagem, vamos conhecer suas possibilidades.

## 5.1 Níveis de linguagem

Começemos pela **norma culta ou padrão**, que é aquela ensinada nas escolas, cujo usuário demonstra domínio eficiente da língua. Ela adota uma gramática normativa, isto é, que segue normas ou regras responsáveis pelo funcionamento da língua, assim como a escolha do vocabulário utilizado.

A norma padrão deve ser clara e fácil de ser entendida por todos, logo, apesar de se atribuir prestígio social e cultural a quem a domina, não significa que se deve usar termos e estilos rebuscados e difíceis. Seu uso se dá em situações formais e em leis, dicionários, manuais e outros documentos protocolares.

A **norma coloquial** é utilizada de modo mais espontâneo, no dia a dia do falante. Ela não segue rigorosamente as regras da gramática normativa e é utilizada em situações informais, descontraídas, mais casuais, entre amigos e familiares, e é mais livre e com regras próprias e individuais. Ela não é inculta e nem incorreta, somente informal.

**Dialetos**, regionalismos ou linguagem regional, como o próprio nome expressa, estão relacionados às variações em determinadas regiões e às construções gramaticais, empregos de certas palavras e expressões e do ponto de vista fonológico. Obviamente, pela extensão geográfica do nosso país, há uma imensa variedade de falas nativas, cada uma com seu valor.

**Gírias** são um estilo que se integra à língua popular e relaciona-se ao cotidiano de certos grupos sociais. Em alguns casos, caem em desuso e perdem seu significado; em outros, há a incorporação da gíria na língua oficial.

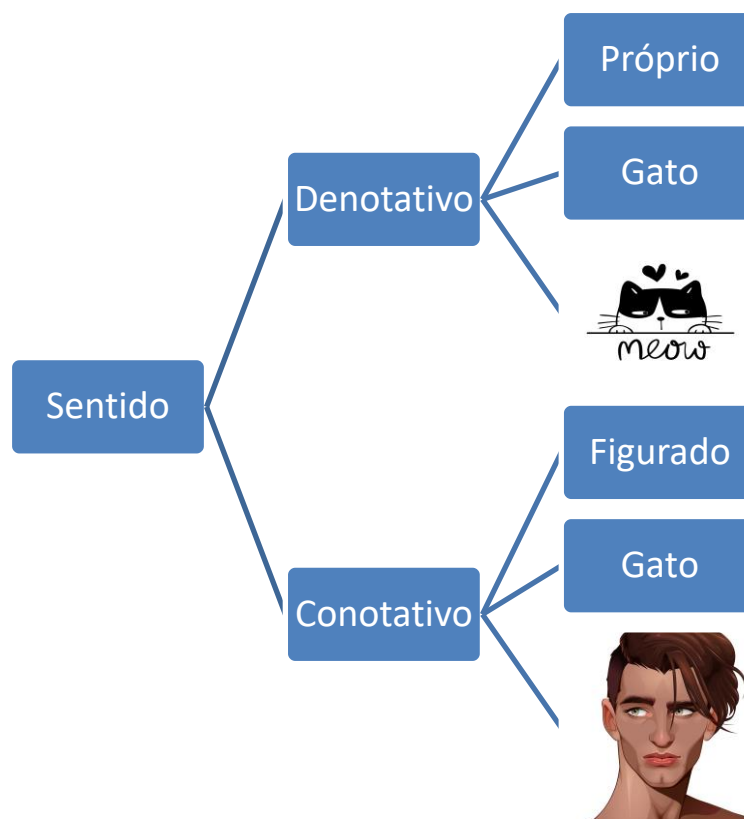


É bom ressaltar que a língua deve variar de acordo com a situação comunicativa e com o interlocutor (pessoa com que se fala).

## 5.2 Figuras e vícios de linguagem

As palavras são uma das ferramentas mais importantes na comunicação. Com elas, construímos frases, que constroem textos e, assim, damos sentido a uma ideia. Cabe, ainda, saber que as palavras podem ter dois sentidos: o conotativo e o denotativo.

Figura 14 – Sentido denotativo e conotativo



Fonte: Costa, 2021.

Como podemos observar, o sentido denotativo representa exatamente o significado dicionarizado do termo, pois um gato é um felino. Já o conotativo tem um sentido figurativo, pois “gato” pode ser um rapaz bonito.

Assim, as figuras de linguagem trabalham com o sentido conotativo de uma palavra ou termo. Elas são uma forma de expressão que vai além do sentido próprio da palavra, expressando sensações, emoções e todos os sentidos subjetivos de um autor, principalmente em textos literários.



Vamos conhecer algumas delas:

- **Comparação** ou **símile** – faz a relação entre dois termos com o uso de conjunções comparativas. “O amor é **como** a amizade que nunca morre”;
- **Metáfora** – faz uma comparação, mas sem o termo comparativo, sendo implícita. “A amizade é um amor que nunca morre” (Mário Quintana);
- **Metonímia** – uso de um termo pelo outro com relação entre eles:
  - Autor pela obra: “Li Mário Quintana” (você não leu o Mário e sim a obra dele);
  - Efeito pela causa: “Construí minha casa com meu suor” (a palavra *suor* se refere à palavra *trabalho*);
  - O continente pelo contido: “Comi um prato de arroz” (o prato não é feito de arroz, nós comemos o arroz que está no prato);
  - Instrumento pelo agente: “Use seu Graham Bell e fale já com seu amor!” (o inventor do telefone, Graham Bell, foi usado no lugar da sua invenção);
  - Parte pelo todo: “Ele é um sem-teto” (na realidade, o teto representa a casa toda);
  - Matéria pelo objeto: “Ele quebrou todos os cristais” (ele deve ter quebrado taças de cristais e não os cristais);
  - Marca pelo produto: “Eu tomo Nescau com leite” (a marca Nescau se refere a chocolate em pó.).
- **Catacrese** – uso inadequado de um termo que perdeu o sentido original. “Ela embarcou no avião” (**embarcar** deriva de barco); “Pé de alface” (alface não tem pé), “batata da perna”, “braço do sofá”;
- **Perífrase** – uma espécie de apelido para coisa ou animais. “O rei dos animais” (Leão), “Terra da Garoa” (São Paulo);
- **Antonomásia** – uma espécie de apelido para pessoas. “O rei do futebol” (Pelé), “Filho de Deus” (Jesus Cristo);
- **Sinestesia** – troca dos sentidos (visão, audição, paladar, tato, olfato). “A doce cor do amor” (o amor não tem cor nem paladar);



- **Elipse** – omissão de uma palavra ou expressão facilmente compreendida. “Na sala, apenas quatro ou cinco convidados” (Machado de Assis) – omissão do verbo *haver* (na sala havia apenas quatro ou cinco convidados);
- **Zeugma** – omissão de uma palavra ou expressão mencionada anteriormente. “Eu gosto de Língua Portuguesa; meu marido, de Geografia” (o verbo *gostar* apareceu antes e está oculto.);
- **Pleonasmo** – repetição para dar ênfase. “Vamos fugir pra outro lugar, baby” (Gilberto Gil – *Vamos fugir*) – *fugir* significa sair de um lugar em direção a outro. “E rir meu riso e derramar meu pranto” (Vinicius de Moraes);
- **Silepse** – concordância ideológica e não gramatical:
  - Gênero – “Vossa Excelência é simpático” – feminino com masculino;
  - Número – “O povo na frente da faculdade gritavam pedindo paz” – uso do singular e plural denota o uso da silepse de número: *povo* (singular) e *gritavam* (plural);
  - Pessoa – “Os alunos desta universidade somos estudiosos” – terceira pessoa (os alunos) e segunda pessoa (somos).
- **Hipérbato** – inversão da ordem direta dos elementos da frase:
  - “Ouviram do Ipiranga as margens plácidas. / De um povo heroico o brado retumbante” – na ordem direta, o texto seria assim: “Um brado retumbante de um povo heroico foi ouvido nas margens plácidas do Ipiranga”.
- **Polissíndeto** – repetição da conjunção *e*. “Do claustro, na paciência e no sossego, / Trabalha e teima, e lima, e sofre, e sua!” (Olavo Bilac).
- **Assíndeto** – omissão da conjunção *e*. “Soltei a pena, Moisés dobrou o jornal, Pimentel roeu as unhas” (Graciliano Ramos).
- **Hipérbole** – exagero. “Eu já disse mil vezes”.
- **Eufemismo** – ameniza uma declaração. “Ela partiu dessa para melhor”.



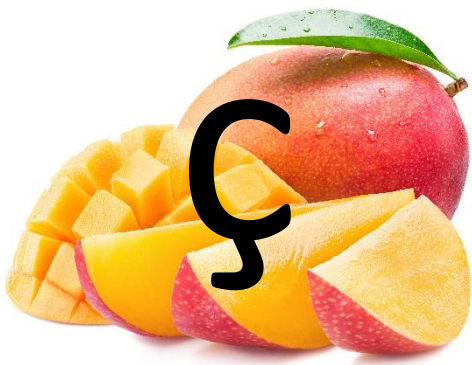
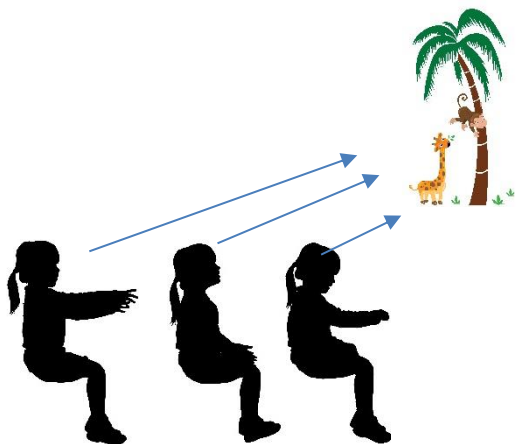
- **Ironia** – indica o contrário da afirmação. “Que inteligentes, colaram na prova”, “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis” (Machado de Assis).
- **Prosopopeia** ou personificação – características humanas para seres inanimados. “O sol nasceu”, “A água não para de chorar” (Manuel Bandeira).
- **Antítese** – uso de termos contrários:

Eu falo de amor à vida  
Você, de medo da morte  
Eu falo da força do acaso  
E você, de azar ou sorte  
Eu ando num labirinto  
E você numa estrada em linha reta  
Te chamo pra festa  
Mas você só quer atingir sua meta (Paulinho Moska)

- **Paradoxo** ou oxímoro – expressa contradição. “Os tempos mudavam, no devagar depressa dos tempos” (Guimarães Rosa – “A terceira margem do rio”);
- **Onomatopeia** – sonoridade da coisa representada. “Tique taque” (som do relógio) ou “atchim” (barulho de espirro);
- **Paronomásia** – palavras parecidas. “Seção”, “sessão” e “cessão”.

Verifique o quadro a seguir para não esquecer.

Quadro 4 – Seção e sessão

Seção	Sessão
 <p>Imagine que o cê-cedilha está sendo cortado como uma parte de um todo.</p>	 <p>SESSÃO</p>





	Imagine que as letras S são sofás, de onde se assiste algo.
--	--

Há várias outras figuras, e não há necessidade de decorar seus nomes. O importante é observar que são permitidas “fugas” discursivas da língua. Devido à flexibilidade da língua, não nos comunicamos com ideias literalmente. O importante é saber usar corretamente os recursos expressivos que geram efeitos no discurso e, assim, ampliar a ideia transmitida.

Todavia, devemos tomar cuidado, pois existem os vícios de linguagem que empobrecem a comunicação. Eles podem tirar a clareza e repassar uma imagem negativa ao emissor.

Os vícios de linguagem são desvios da norma padrão que geram problemas na comunicação e devem ser evitados. Os mais comuns são:

- **Solecismo** – desvios na sintaxe, isto é, elementos de uma frase e as suas relações de concordância, de regência e de colocação pronominal. “Assisto o filme” em vez de “Assisto ao filme”; “Eu abracei ela” em vez de “Eu a abracei”; “A gente vamos”;
- **Barbarismo** – erros grosseiros no emprego de uma palavra. “Rúbrica” em vez de “Rubrica” – a sílaba tônica (mais forte) é “bri”; “eção” em vez de “exceção”; “pobrema” em vez de “problema”;
- **Estrangeirismo** – uso de palavras ou expressões de outro idioma, como o anglicismo (da língua inglesa) e galicismo (da língua francesa):
  - “Samba do Approach”, dos compositores Zeca Pagodinho e Zeca Baleiro:

Venha provar meu *brunch*  
Saiba que eu tenho *approach*  
Na hora do *lunch*  
Eu ando de *ferryboat*...  
Eu tenho *savoir-faire*  
Meu temperamento é *light*  
Minha casa é *hi-tech*  
Toda hora rola um *insight*  
Já fui fã do Jethro Tull  
Hoje me amarro no Slash  
Minha vida agora é *cool*  
Meu passado é que foi *trash*...

- **Pleonismo vicioso** – repetição desnecessária de um termo redundante sem intenção. “Acabamento final”, “hemorragia de sangue”, “ver com os



próprios olhos”, “surpresa inesperada”, “multidão de pessoas”, “encarar de frente”, entre tantas outras;

- **Ambiguidade** – frases com mais de um sentido, trazendo confusão ao enunciado. “O menino viu o incêndio da escola”, “A professora levou o aluno para sua sala” (de quem é a sala?);
- **Cacofonia** – som desagradável e indesejado. “Meu amor por ti gela”, “lá tinha uma lata”, “beijar na boca dela”, “me dá uma mão”;
- **Eco** – repetição de som parecidos sem intenção. “A população teve comoção com a remoção da promoção”;
- **Arcaísmo** – uso de palavras ou expressões que já caíram em desuso. “Ceroula” (cueca), “quicá” (talvez), “boticário” (farmacêutico);
- **Preciosismo e prolixidade** – linguagem artificial, rebuscada. “O colóquio entre os doutores foi perpetrado sem preocupação com o pretérito”, “minha progenitora, transtornada com meu insubmisso agir, procrastinou nossa viagem intercontinental”;
- **Plebeísmo** – uso de expressões populares, gírias, calão e expressões populares que indicam falta de instrução e erudição. “Fala aí, mané! O cara não veio. Eu fiquei com este abacaxi para resolver”;
- **Vulgarismo** – uso de expressões vulgares. “As meninas não chora”, “Custa dez real.”;
- **Gerundismo** – uso inadequado do gerúndio, passando a ideia de um futuro em andamento, de uma ação em andamento. “Vou estar passando a ligação”.

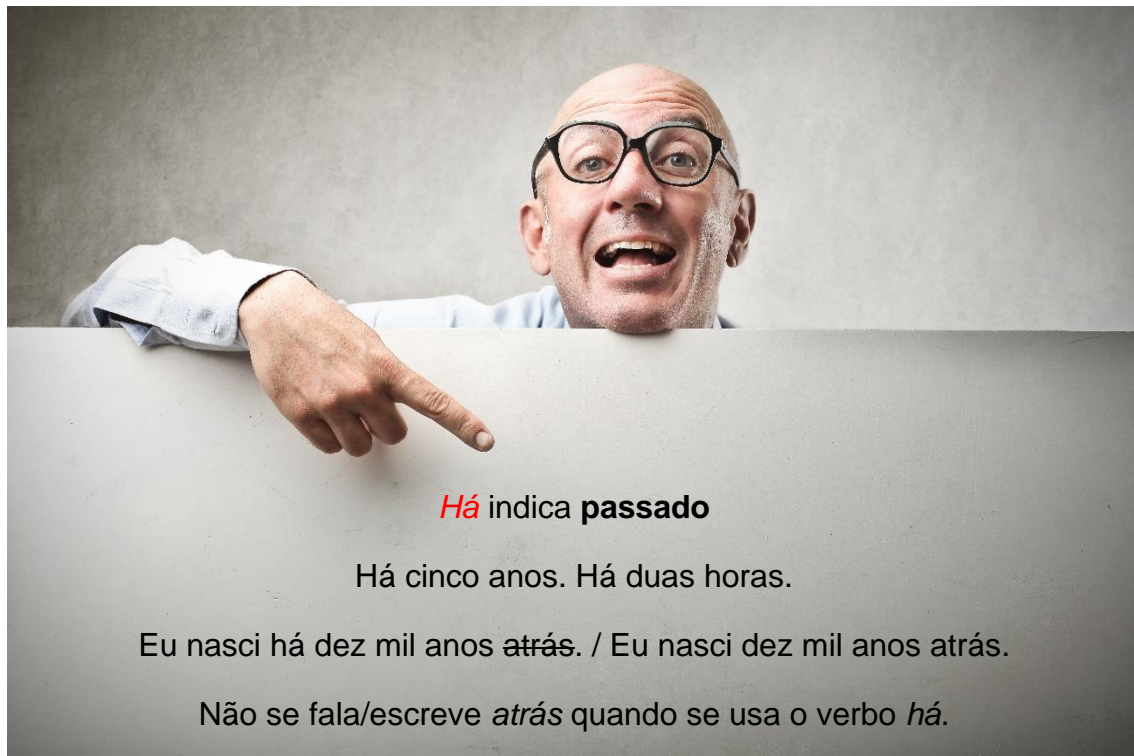
Observou que os vícios de linguagem são cometidos frequentemente e se repetem sem que sejam percebidos?

Por este motivo, é imperioso tomar cuidado para não comprometer a compreensão do que se quer comunicar e buscar evitar os erros comuns no uso da língua.





Figura 15 – Verbo *haver*



Créditos: Ollyy/Shutterstock.

## FINALIZANDO

Nesta aula, analisamos os conceitos básicos da comunicação e sua importância no nosso cotidiano. Vimos que a escrita difere da oralidade, e a seriedade da prática aperfeiçoa esses processos. Estudamos também a diferença entre informação e comunicação e como podemos lidar com estas duas categorias de forma mais eficaz. Por fim, avaliamos a flexibilidade da comunicação, conhecendo as variações, adequação, níveis, figuras e vícios da linguagem.

Encerramos esta aula lembrando que o estudo da comunicação não termina aqui; pelo contrário, com base no que foi mostrado, o caminho começa agora com você. A partir deste momento, busque aprender cada vez mais, de modo a usar todos os valiosos recursos da língua e aprimorar sempre seu processo comunicativo.



## REFERÊNCIAS

ASSIS, M. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ática, 1992.

ASSIS, J. M. M. de. **O espelho**. In: \_\_\_\_\_. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004. v. 2.

BANDEIRA, M. **Os Melhores Poemas**. São Paulo: Global, 2020.

\_\_\_\_\_. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

BILAC, O. **A um poeta**. Disponível em: <<https://nova-acropole.org.br/snassist/poemas-e-contos/a-um-poeta-olavo-bilac/>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

GIL, G. **Vamos fugir**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/gilberto-gil/16137/>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. São Paulo: Contexto, 2009.

MÁRIO Quintana: a história de um dos maiores poetas do Brasil. **Alegrete tudo**, 4 mai. 2020. Disponível em: <<https://www.alegretetudo.com.br/mario-quintana-a-historia-de-um-dos-maiores-poetas-do-brasil/>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

MORAES, V. de. **Soneto da Fidelidade**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/vinicius-de-moraes/86563/>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

MOSKA, P. **A Seta e o Alvo**. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/paulinho-moska/a-seta-e-o-alvo.html>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

PAGODINHO, Z.; BALEIRO, Z. **Samba do Approach**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/zeca-baleiro/43674/>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

RAMOS, G. **Angústia**. 56. ed. São Paulo: Record, 2003.

ROSA, J. G. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.